

TÉCHNE E PSICOLOGIA CLÍNICA

CID VALE DE SOUSA

Abstract: The article claims that in ancient Greece, at least in Plato's Dialogues, we can find many statements which reflect the same thoughts of modern psychoterapists and psychoanalysts. From three dialogs – Protagoras, Meno and Symposium – some passages are chosen in order to demonstrate that claim.

O PROBLEMA

A importância do conceito de *Téchne*, para a psicologia clínica, tal como pensado na Grécia Antiga, pelo menos na obra de Platão, é muito mais profunda e abrangente do que supõe a grande maioria dos psicólogos e psicanalistas. Para nós, profissionais da psicoterapia, este fato deve ser um motivo de orgulho e satisfação, porque situa nossa profissão em um contexto muito mais antigo, e ainda mais rico e complexo do que supúnhamos.

Com alguma hesitação, devido à minha condição de não-filósofo, vou argumentar que, em Platão, houve um claro entendimento, que aparece tanto em forma explícita quanto implícita, do termo *téchne* em um sentido muito próximo do que hoje chamamos de “psicoterapia” e que esta acepção não ocupou um lugar pequeno e secundário na totalidade de seu pensamento.

Porém este não é um texto sobre filosofia antiga. É uma tentativa de examinar a existência de um conceito de “*Téchne* psicoterápica” nos diálogos

Cid Vale de Sousa é psicólogo clínico e pesquisador em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

de Platão. É também um exercício de um psicoterapeuta profissional muito interessado em entender alguma coisa sobre as origens da idéia de psicoterapia, idéia esta que encontrou sua mais fascinante e fértil concretização na moderna psicanálise.

O tema “idéia de psicoterapia” relaciona-se com todo e qualquer método psicoterapêutico isto é, método de intervenção psicológica e também com quaisquer construções que possam ser consideradas como “teoria psicológica”. Isto quer dizer que, embora por teoria e técnica psicoterapêuticas modernas eu esteja pensando principalmente a psicanálise, nada impede que muitas das idéias discutidas existam em outras técnicas, inclusive as mais desconsideradas desde um ponto de vista acadêmico.

Em síntese, este texto vai defender três teses: 1) podemos encontrar, nos diálogos de Platão, idéias que implicam em uma “*téchne* de psicoterapia”, isto é, idéias envolvendo questões de teoria e de técnica de psicoterapia; 2) estas idéias envolviam métodos de intervenção psicológica em problemas existenciais básicos e que eram percebidos como tais; e 3) estas idéias possuem muitos pontos em comum com as concepções modernas de psicoterapia e, em particular, com a psicanálise.

OS TEXTOS GREGOS

Na obra *The Fragility of Goodness – Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*, Martha Nussbaum informa-nos que, na juventude de Platão, Atenas sentia tanto uma aguda ansiedade devido à exposição do ser humano a todas as formas de “acaso”, quanto uma exuberante confiança na razão humana. Se a vida parecia mais que nunca exposta às contingências imprevisíveis, os atenienses também pareciam muito convictos de que o progresso traria a eliminação desta contingência incontrolável.¹

Platão, continua a Prof^a. Nussbaum, elabora propostas éticas radicais motivado por um senso agudo quanto à vulnerabilidade do homem diante de uma “sorte desgovernada”. A necessidade humana da Filosofia é, para ele, profundamente ligada a esta exposição à sorte: a principal tarefa desta disciplina seria eliminar esta vulnerabilidade.²

1. Nussbaum, 1986, p. 89.

2. Idem, p. 90.

Seu senso de urgência quanto a este problema teria permanecido constante ao longo de sua vida, assim como sua crença de que a solução exige um novo tipo de especialista: alguém cujo conhecimento levaria a “deliberação prática” para além das confusões do cotidiano.³

Vamos agora examinar alguns diálogos de Platão. Abordarei alguns trechos de dois diálogos conforme são apresentados por Guthrie – *Protágoras e Ménon*, e um terceiro dialogo – *Banquete*, este usando o próprio texto platônico em versão espanhola. Portanto, no que se refere aos dois primeiros diálogos, seria mais correto dizer que estarei discutindo o Platão “de Guthrie”. Mas, dentro dos termos restritos deste texto, suponho poder me permitir esta imprecisão. Meu objetivo será apresentar e comentar algumas passagens que possam ser entendidas em si mesmas e que contenham idéias semelhantes ao que hoje pensamos como “psicoterapia”.

PROTÁGORAS:

No começo de seu capítulo sobre este diálogo Guthrie afirma que Protágoras e Ménon atacam a mesma questão básica: a virtude pode ser ensinada?⁴

No início do diálogo, Sócrates interroga Hipócrates (um jovem entusiasta dos sofistas, não o Hipócrates dos Tratados), visando mostrar que este não sabe o que é um sofista e que, por isto, está agindo temerariamente ao comprometer-se com alguém que ele (Sócrates) considera um mercador de alimentos para a alma.⁵

Protágoras depois concorda com Sócrates em que o conhecimento garante que o homem não será induzido pela dor, pelo prazer ou pela paixão a seguir um curso contrário ao indicado pela sua razão. As pessoas pensam que o ser humano pode fazer coisas que sabe serem erradas, mas Sócrates afirma que tal fato implica sempre em um desconhecimento sobre todas as conseqüências em questão.⁶

3. Idem.

4. Guthrie, 1995, vol. IV, p. 213.

5. Idem, p. 216.

6. Idem, p. 220.

MÉNON

Guthrie comenta como, neste diálogo, a refutação socrática é levada até sua “conclusão destrutiva” e como nos é demonstrado que este purgar dos falsos conceitos é a condição preliminar necessária para uma investigação positiva.⁷

Em seguida, dá-nos a concepção de virtude que está presente no pensamento de Ménon: virtude seria o tipo de habilidade que permite à pessoa governar um estado ou uma cidade, cuidar de seus pais e saber receber convidados de forma adequada.⁸

Logo adiante, refere-se a uma fala de Ménon em que este se queixa de que Sócrates o deixa confuso e entorpecido com as coisas que diz⁹. Guthrie acrescenta que Ménon se queixa de “impotência mental”.¹⁰

E enfatiza, em outro momento, que as questões metodológicas são secundárias para Platão; a sua questão central permanece sendo o “viver corretamente”.¹¹

Em seguida, Guthrie sintetiza o que Platão e Sócrates consideravam como missão: ensinar às pessoas o que elas já sabem (mas não sabem que sabem), fazer as pessoas refletirem sobre os vários usos de cada palavra e as razões de seu uso em cada ocasião.¹²

BANQUETE

Logo no início do diálogo, Apolodoro, referindo-se ao tempo anterior ao seu encontro com Sócrates, diz que “Antes dava voltas de um lugar ao outro, ao acaso, mesmo crendo que fazia algo importante, era mais desgraçado que qualquer outro, não menos que tu, agora, que pensas ser necessário fazer tudo menos filosofia.”¹³

7. Idem, p. 241.

8. Idem.

9. Platão, Ménon, 80a-b.

10. Guthrie, 1995, p. 241.

11. Idem, p. 244.

12. Idem, p. 245.

13. Platão, Banquete, 173a.

A partir da proposta de Erixímaco, Fedro, Pausânias, o próprio Erixímaco, Aristófanes, Agatón, Sócrates (Diotima) e Alcibíades dedicam-se a fazer o elogio de Eros.

Para Fedro, Eros é o mais antigo de todos os deuses, é a causa dos maiores bens da humanidade e é inspirador de valor pessoal.

Pausânias argumenta que existem dois tipos de Eros: o celeste e o popular. Um se preocupa com as coisas do corpo e o outro com as da alma.

Erixímaco, que é médico, fala que Eros não está só no homem mas sim em toda a natureza e no corpo humano. Fala também em dois Eros: o bom, associado à saúde e à harmonização dos contrários e o mau, associado à doença e à desarmonia entre os contrários.

Aristófanes fala de um mito sobre um ser total, homem-mulher que foi dissociado por vontade dos deuses e que, a partir daí, surgiu a insuperável atração entre os dois sexos, cada um querendo retornar à unidade inicial.

Agatón fala da juventude de Eros e sua relação permanente com a Beleza.

Sócrates diz que foi instruído sobre Eros por uma sacerdotisa, Diotima. Ela ensinou que Eros é filho de *Penía* (pobreza) e *Póros* (recurso). Por isto tem as características dos dois: busca incansável, aquisição e perda, morte e ressurreição.

Por fim, Alcibíades, que declara que, para fazer o elogio de Eros, fará o elogio de Sócrates. Fala do imenso efeito que os ensinamentos de Sócrates causam nele, fala do amor que sente por Sócrates e de como foi rejeitado por ele em suas tentativas de sedução. Procura passar a idéia de que Sócrates amaria o “interior” dos “jovens belos” e que não existe outra pessoa como Sócrates.

COMENTÁRIOS

Não podemos dizer que a relação de Platão e seus seguidores com o destino fosse a mesma que a nossa. Hoje a “cientificação” do pensamento possui uma tradição tão forte que temos dificuldade em imaginar como seria a mentalidade das pessoas numa época em que esta tradição apenas se iniciava. Mas o medo do destino continua presente. Ou, podemos falar, o medo do tempo. O que trará “o amanhã”? Pois justamente não acontece que vivemos numa época em que todos nos sentimos particularmente inseguros quanto aos múltiplos perigos que vemos, o tempo todo, perigosamente perto de nós? Violência, aids, desemprego, a lista moderna é tão extensa quanto assustadora.

Os motivos do sentimento de urgência de Platão diante da “vulnerabilidade humana” (1 e 2) neste sentido, estão rigorosamente reproduzidos

hoje. Assim como hoje, buscou-se, com muita ansiedade, algum alívio “psíquico” para angústias que são inerentes ao viver.

Nos textos citados, para a busca da “solução” para esta vulnerabilidade, encontramos referências à Ética, à Filosofia (2) e a “um novo tipo de especialista” cujo conhecimento leve as “decisões práticas” para além da confusão ordinária (3).

Como profissional de psicoterapia, não vou discutir o que “é” a Ética. Mas espero que possamos todos concordar com a concepção intuitiva de que Ética tem a ver com a reflexão sobre determinadas formas do agir humano e suas motivações, que serão privilegiadas em relação a outras, na medida em que as primeiras forem consideradas como mais propiciadoras de bem-estar social e individual. O “novo especialista” seria o conhecedor desta nova disciplina.

Se pudermos pensar nestes termos, este “novo tipo de conhecimento” é, sem dúvida, uma forma de psicoterapia. Trata-se de um método psicoterapêutico porque a forma de intervenção é psicológica (verbal). Além disto, o que não seria condição necessária, sua razão de ser prende-se à necessidade de superar a angústia humana diante do imponderável, diante de nossa percepção, consciente ou não, de que, em muitos sentidos, somos impotentes quanto ao fato de que, a rigor, qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento a qualquer pessoa. Hoje, os melhores autores psicanalíticos consideram que esta percepção é o ponto nuclear de toda e qualquer psicopatologia psicodinâmica.

Comentando os diálogos, Guthrie informa-nos que Protágoras e Ménon abordam a mesma questão: a virtude pode ser ensinada?(4) Parece claro que, nos termos que acabamos de caracterizar, estamos, de novo, no campo da psicoterapia. Para o psicólogo clínico é fascinante o fato de Platão ter decidido escrever em forma de diálogo, porque ele, o psicólogo, sabe que as mais sofisticadas concepções psicoterapêuticas entendem que a relação humana, desde que pensada dentro de uma técnica específica, é o agente psicoterapêutico por excelência.

Então temos: Platão quer ensinar alguma coisa; esta coisa é urgente e importante porque envolve uma grande intensidade de sofrimento humano. Ele vai usar um método psicológico porque vai usar o verbo. E vai tratar de sofrimento mental, porque todo sofrimento é sempre psicológico, não importa se a “causa” é médica, econômica, material, ou outra qualquer. Porém, aqui, esta causa é rigorosamente psicológica, é a angústia existencial diante do imponderável da vida. Para que se tenha uma idéia do que isto significava para a época, basta que nos lembremos de que as

tragédias gregas são o retrato mais vívido do encontro dos homens com a vontade dos deuses, tal como foi sentido em Atenas.

O objetivo de Platão era criar um novo saber que permitisse uma tomada de decisões que superasse as confusões usuais, que permitisse às pessoas uma maior possibilidade de pensar um caminho em meio aos grandes dilemas da vida. E o psicólogo não deixará de perceber que criar este novo saber, este novo pensamento, é operar uma transformação mental nos indivíduos, o que, por sua vez, é o fim último de qualquer intervenção psicoterapêutica moderna.

Claro que Platão não pensava como psicoterapeuta. Sua atitude se aproximava mais da professoral. Mas ser terapeuta e ser professor envolve funções que estão muito próximas. Mesmo a suposição de que o professor usaria mais “instrumentos cognitivos” e o terapeuta “instrumentos emocionais”, embora em certo sentido seja correta, não parece muito relevante. Como professores sabemos a importância dos campos transferenciais que se formam em aula e o quanto eles pesam na evolução de um curso; e como terapeutas também sabemos como, mesmo numa intervenção típica da psicoterapia, por exemplo, uma interpretação, devemos saber construir frases que permitam ao cliente um acesso, pelo menos em parte, intelectual, ao que queremos transmitir a ele.

Logo mais adiante, já no diálogo Protágoras, temos Sócrates fazendo uma declaração extremamente clara: criticando os sofistas, ele diz que são “mercadores de alimentos para a alma” (5). “Alimento para a alma” é uma metáfora muito notória para necessitar de comentários. Pode referir-se a um discurso religioso, mas sabemos que, neste momento, não é o caso. Hoje em dia adquiriu uma conotação um tanto piegas e desgastada demais. Mas posso informar que nossos clientes mais regredidos continuam a usar este tipo de imagem, em sonhos, por exemplo, para dizer alguma coisa sobre suas psicoterapias.

Um outro tema especialmente importante para a psicoterapia é levantado por Sócrates: o conhecimento seria o elemento central nesta transformação mental a que os gregos davam o nome de “aquisição de virtude”(6). Também na psicanálise isto é absolutamente fundamental. Psicanálise é, essencialmente, produção de conhecimento, produção de consciência, sobre um tema específico: o próprio indivíduo-paciente e sua história de vida. Esta é a força e a fraqueza da análise: a melhora do cliente é uma função desta produção de consciência.

Passando ao diálogo Ménon, Guthrie comenta mais de uma vez (7 e 9) sobre um aspecto “destrutivo” do método socrático: após debater com

ele, muitos de seus interlocutores se sentiam com “impotência mental” (10). O termo de Guthrie é curioso porque pode ser bem mais adequado do que sugere uma primeira abordagem. Na psicanálise temos o conceito de “regressão” para nos referirmos a um fenômeno que ocorre aos nossos clientes. O paciente perde seus esquemas mentais adultos para lidar com o mundo, isto é, regride. Mas se ele perde justo os meios de contato, podemos dizer que ele ficou “impotente”. Parece que podemos dizer então que Sócrates desorganizava algumas defesas de seus interlocutores, mostrando as violações ao real que seus pensamentos cometiam, assim como um analista faz hoje, embora este último, com muito maior sofisticação específica. Uma das tarefas centrais do analista é certamente esta: desarticular alguns ou muitos dos sistemas de pensamento do cliente para que ele possa desaprender algumas defesas. O paciente deprime-se, fica mais impotente, mas isto é parte do processo total.

Em outras passagens fascinantes para o psicólogo clínico, Guthrie enfatiza que para Platão a questão central era ensinar as pessoas a “viverem corretamente” (11) e que ele e Sócrates consideravam que sua missão era ensinar aos outros o que eles já sabiam (12)!

Para os gregos “viver corretamente” relacionava-se com saber tomar decisões, conhecer o poder dos deuses; poder limitar a *hýbris* e as paixões em geral. Em termos mais gerais, este tipo de visão se mantém atualmente. De certa forma a psicodinâmica continua entendendo que as “paixões desmedidas” são a fonte principal de sofrimento para os seres humanos. O inconsciente é “desmedido”; as articulações egoicas é que trazem a possibilidade de “medida”. Quando a teoria psicodinâmica fala, por exemplo, em repressão, está dizendo que determinada pulsão (nome moderno para paixão) foi vivida pelo ego como insuportável (o que se liga diretamente à uma percepção de intensidade, embora todos falem mais em “significado”) e por isto, houve a repressão.

Quanto à idéia de ensinar ao outro o que o outro já sabe, não devemos nos enganar com um aparente obstáculo, no sentido de que, em Platão, em última instância, esta idéia pertence a uma epistemologia. O psicólogo clínico tem a mesma idéia, mas por outros motivos. Para ele trata-se de uma compreensão psicodinâmica, de um objetivo clínico e de uma técnica de intervenção: revelar ao cliente sua própria história de vida, presente, mais que em seus sintomas, em sua forma de ser e de atuar no mundo. Porém entendo esta diferença como um obstáculo apenas aparente porque se refere à teoria de fundo que define ambas as posturas. Mas a postura em si é a mesma. Em ambas as abordagens

há a idéia fundamental de que o outro já possui aquilo que é o mais importante.

O último diálogo que incluímos neste nosso exame mostra, logo em seu início, Apolodoro fazendo uma declaração muito semelhante a que um cliente de análise poderá fazer quando se sente obtendo progressos (13): antes, sentia-se muito mais confuso e agora as coisas estão mais organizadas. Sócrates, portanto, estaria continuando a fazer seu papel de “protoanalista”!

Em seguida, os diversos oradores fazem seu elogio a eros. Não somente existe o fato básico de que este deus-eros é tão importante na psicanálise, que grande parte da teoria gira em torno dele (com o nome de desejo ou pulsão), como também cada um dos discursos pode ser revisto em termos psicanalíticos.

Assim como Fedro, hoje também vemos as pulsões como uma possibilidade de força, a mais primitiva da vida, e como o elemento fundamental da sensação de valor, através tanto da moderna teoria do narcisismo como das teorias sobre relações objetais.

Assim como Pausânias, o analista moderno também pensa em uma pulsão mais primitiva e regredida e outra mais adulta. A primeira muito facilmente se transforma em ódio e destruição.

Assim como Erixímaco, também pensamos a pulsão como uma realidade do organismo total. Faz parte da teoria moderna a idéia de que uma vida não pulsional, no sentido de eros, é uma vida mais carregada de fatores mórbidos, com prováveis conseqüências em termos de doenças orgânicas.

Assim como Aristófanes, o psicólogo hoje sabe da enorme importância da relação humana na vida de cada um, a ponto de alguns dos principais autores situarem o modelo paradigmático de toda a psicopatologia como uma perturbação primitiva na capacidade de relacionamento humano em si mesma.

Assim como Agaton, a psicanálise conhece bem os aspectos prazerosos presentes em eros. Daí decorrem também todas as possibilidades psicodinâmicas que podem provocar a ativação de quaisquer mecanismos de defesa, inclusive implicando graves danos à pessoa.

Assim como Sócrates, o analista debruça-se com muita atenção aos aspectos muito contraditórios de eros.

Assim como Alcibíades, o analista procura levar seus clientes a perceberem a importância da relação real com pessoas reais, no contexto de uma vida real. O melhor analista é aquele que mostra que a análise jamais poderá ser um substituto para a vida.

BIBLIOGRAFIA

- GUTHRIE, W. K. C., A History of Greek Philosophy, vol IV, Cambridge, Cambridge University Press, 1995
- NUSSBAUM, M., The Fragility of Goodness, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1986
- PLATÃO, Banquete, Diálogos, vol II, Biblioteca Clássica Gredos vol 61, Madri, Editorial Gredos, 1987